

b) Todos os privilégios do nascimento, sem excepção, são abolidos, e por consequência o direito de herdar.

c) A cada um segundo a sua capacidade, e a cada um segundo as suas obras.

"Cada um, segundo Saint-Simon, deverá ser doado segundo os seus méritos, e retribuído segundo as suas obras." A sua conclusão prática seria a distribuição dos capitais e dos instrumentos de trabalho, e por consequência a distribuição dos rendimentos individuais.

Os saint-simonianos preconizam a "associação como forma superior da organização da produção".

Fourier preconizou um sistema de associação, o falanstério, que se constituía como sociedade por acções. Os seus membros viviam em família, numa comunidade de produção e consumo, participando dos seus benefícios, na razão do seu capital, do seu trabalho e da sua inteligência. O palácio comum serviria de habitação e completar-se-ia com os seus terrenos de cultura e estabelecimentos industriais, onde cada um se aplicaria em trabalhos variados para não cair na monotonia duma só função.

Os lucros seriam repartidos na proporção de 5/12 para o trabalho, 3/12 para o talento e 4/12 para o capital.

Saint-Simon e Fourier com as suas ideias influenciaram extraordinariamente na classe trabalhadora e nos intelectuais franceses, criando uma pleiade de discípulos que as difundiram, procuraram pô-las em prática e até as desviaram em muitos sentidos.

Foram os fourieristas que maior projecção tiveram no movimento social francês, e foram mais longe na tentativa de realizarem os seus objectivos. Mas tanto os saint-simonianos, como fourieristas, levaram a cabo experiências notáveis, que chegaram a transplantar-se à América do Norte e do Sul, e até ao Norte de África, merecendo entre as suas obras, destaque o familistério de Guise.

Nas suas utopias vincavam-se princípios que posteriormente vieram a tomar consistência nas formas societárias que se tornaram realidades nos nossos tempos: associação do trabalho e do consumo como formas de emancipação económica e social.

Estas ideias, que tiveram larga disseminação, criaram uma atmosfera de prodigiosa ansiedade realizadora, um movimento de amplas propostas que geraram novas ideias. Não admira que os teóricos se degladiassem e as contradições se misturassem com o espírito de empreendimento. Os homens procuravam um destino, uma ideia de justiça para vencer a triste realidade do seu tempo.

Louis Blanc influenciado pelas ideias de Saint-Simon e Fourier, e partindo de princípios análogos, preconiza na sua "Organização do Trabalho", o atlier social como célula e base de uma organização estatal. Confia ao Estado a missão de uma reforma que organize o trabalho numa forma mais justa e mais humana, fazendo desaparecer a concorrência e regular a produção.

"O que falta aos proletários para se libertarem, dizia Louis Blanc, são os instrumentos de trabalho; a função do governo será a de fornecer-lhes. Se tivéssemos de definir o Estado em nossa concepção, responderíamos: o Estado é o banqueiro dos pobres".

Observemos que nas ideias destes precursores se definiam conceitos que nos nossos tempos vieram a tomar sentidos opostos, ou sistemas que perduram como realização desintegradas do seu conjunto.

Como forma de associação do trabalho e do consumo, o cooperativismo tomou o seu carácter próprio, muito embora cindido em dois ramos: o da produção e o do consumo.

Nas o que separou vincadamente os seus teóricos, foi o seu conceito da função do Estado, e do valor do homem na economia. Saint-Simon afirmou que o regime justo pode ser organizado somente pelo poder; Louis Blanc, confia ao Estado a missão de organizar o trabalho a partir da célula, o atlier social. Fourier, e Owen, afastavam o Estado da função de estabelecer a justiça social, e baseavam-se na aptidão das suas sociedades fraternais.

Estas duas correntes, centralista e federalista, vieram a definir-se e a vincular as ideias socialistas em dois ramos distintos. Um em que o homem é vinculado á colectividade que se lhe sobrepõe; a outra, em que o individuo conserva as suas qualidades de ser pensante e actuante, e determina-se pela associação dos seus esforços para a ~~con~~vergência dos interesses comuns.

Era natural que o cooperativismo, fundamentalmente fourierista e owenista, pela sua qualidade de associação voluntária, conservasse com a sua vitalidade o carácter federalista.

No fragor destas esperanças, na pujança deste laborioso período de iniciativas e de inspiração renovadora, servia de contraste ao povo no seu viver penoso uma burguesia industrial e mercantil florescente com a célebre consigna "Enriquecei-vos".

A revolução de 1848, em França, que restabeleceu as instituições republicanas, impregnou-se dessa inspiração socialista e para além das formas oficiais do Estado, estabeleceram-se variadas formas de as-

sociação, que o golpe de estado de 1851 reprimiu, mas jamais apagou da tradição francesa as formas da associação operária.

O ~~aj~~ social de Louis Blanc, teve a sua realização efêmera em Gliéhy. Em 1849 contava-se só em Paris 100 associações operárias nas mais diversas profissões, além de 200 na provincia. O que impressionava os observadores da época, era a atmosfera de entusiasmo e consciência colectiva, o esforço de vontade e sacrifício dos societários.

Uma testemunha da época narra um exemplo bastante edificante: "Num miserável celeiro, alguns artistas fabricam pianos. A subvenção que sollicitaram do Estado foi-lhes recusada. Então os que tinham alguma economia, sacrificaram-nas para a compra de ferramentas. Uns venderam os seus objectos, outros os seus móveis, outros as suas roupas. Um sacrificou a sua prenda de casamento que tanto estimava, um outro a aliança da esposa. Para se cotiar comiam pão seco ou privavam-se do aquecimento e assim reuniram 1000 francos. Com esse dinheiro fizeram o primeiro piano. Com o produto da venda fabricaram o segundo, o terceiro e sucessivamente".

XXXX

Mas não era só a França, que estremecia da conoção pujante de novas concepções de associação do trabalho, da defesa do homem como trabalhador, como consumidor e como entidade pensante, era a Europa de lés ~~qu~~és, e essa vaga expandia-se para o chamado Novo Mundo, ainda em parte virgem, para onde emigravam os idealistas insatisfeitos no Velho Mundo, que ali iam experimentar as suas ~~ut~~opias, que melhor ou pior vieram ali a florescer.

XXXX

A Inglaterra, que seguia na vanguarda da industrialização, agitava-se igualmente com os conflitos sociais. No decurso do século XVIII as uniões operárias se tinham constituido e reconstituido após cada fase de repressão, que, todavia, não as poudo aniquillar.

Sob a forma de sociedade de amigos (friendly societies), de sociedades funerárias ou clubes radicais, que se formavam entre os trabalhadores texteis, das cutelarias de Sheffield, e das minas, essas uniões desenvolveram-se, federaram-se e reagiram em lutas memoráveis.

Robert Owen, rico industrial, apaixonou-se pelas ideias de justiça social, e põe a sua fortuna e a sua influéncia ao serviço das ~~ide~~ ideias emancipadoras, e ajuda os trabalhadores á formação das suas uniões profissionais.

Espirito de elevadas proporções para ajudar os homens apenas a disputar um pouco mais de pão, da estatura moral de um Fouri~~er~~er.

nhou o sistema de comunidades humanas ao serviço do qual esgotou a sua fortuna.

Owen e os seus discípulos preconizavam e criavam comunidades semi-agrícolas e semi-industriais, bastando-se a si próprias pelo trabalho comunitário dos seus membros. Constituíam um fundo comum pela acumulação dos rendimentos, das suas operações cooperativas e das suas cotizações, com o que iam adquirindo terras e instalações.

A cooperativa owenista tinha, portanto, um caracter semelhante ao do ~~fe~~ anstério fourie~~ista~~, e apelidavam-se cooperativas não pelo sentido em que hoje as tomamos (permuta de serviços, distribuição do consumo ou trabalho associado e proporcionalidade dos benefícios) mas pelo que representavam do esforço próprio conjugado dos seus membros. Visavam a formação imediata duma comunidade cujos bens eram postos em comum, e onde os individuos viviam em regime de comunidade integral.

Quando em princípio de 1823 começou a publicar-se o jornal mensal "The Co-operator", em Brighton, existia apenas uma meia dúzia destas cooperativas, e quando em 1830 suspendeu a sua publicação, existis em toda a Inglaterra mais de 300.

XXXX

Alguns anos mais tarde veio a apelar-se de socialismo utópico este movimento plerórico de entusiastas criadores, e ao pensamento destes precursores, pretendeu ~~oper~~ as leis de um socialismo científico.

O seu caracter utópico estaria na sua antecipação ~~no~~ domínio do pensamento às contingências de evolução dos anos posteriores, e se algumas das suas premissas não tiveram adaptação prática, os seus fundamentos morais, a cooperação, a associação do trabalho, a personalidade do individuo como consumidor numa ecónomia colectiva, vieram a ter a sua comprovação. Mas sobretudo o que havia no pensamento dos utopistas como noção do valor humano sobre a materialidade das formas de produção ou duma supremacia da sociedade sobre os seus membros, não soffre vantagens com formulações científicas que não se lhes avantajaram.

Dessa resacção de pensamento e vontade, ficou determinada uma nova concepção de justiça, da ecónomia ~~de~~ bases humanas, o valor da associação para o trabalho, o consumo e as necessidades espirituais dos homens.

O liberalismo económico, sob o qual se vincava a exploração do homem pelo homem, sofrera a sua exat~~o~~ração, e desde então as formas

de associação se valorizaram e se firmaram. O valor do homem como produtor e consumidor afirmou-se na economia moderna, e um novo ciclo se abriu.

Esta revolução firmava ao mesmo tempo, a evolução das ideias morais, que ultrapassavam o campo restritamente religioso ou metafísico em que até então se limitava, para assentar no princípio que a igualdade de direitos e a igualdade económica constituíam as bases da própria moral.

Proudhon, um dos mais vigorosos pensadores daquela época, assentou que o verdadeiro sentido da justiça é a base toda a moral se contra ao sentido do valor pessoal. O direito é a capacidade própria de cada homem existir que todos os outros respeitem o seu sentido de dignidade humana; o dever consiste em reconhecê-la nos outros homens.

A origem do sentido da justiça encontra-se Proudhon no desenvolvimento das sociedades humanas, no seu progresso, não apenas no que se refere à cultura, isto é, às condições de progresso material, mas também à civilização, ou seja o desenvolvimento intelectual e espiritual. Por isso Proudhon atribuía grande valor ao processo de idealização, aos ideais que em certas épocas dominavam a vulgaridade das preocupações correntes.

Assenta-se portanto nas bases de uma filosofia da dignidade humana. E para que os direitos do indivíduo não viessem a sossobrar perante um direito desmedido da sociedade sobre eles, Proudhon proclamava que a verdadeira justiça, consiste na combinação harmoniosa dos interesses sociais com os do indivíduo.

Ao mesmo tempo que Proudhon vinculava as bases de uma nova moral, definia os correlativos conceitos da economia, substituía o direito pessoal da economia liberalista pela equivalência dos serviços mútuos, e acrescentava: "A fórmula comunista, a cada um, segundo as suas necessidades, de cada um, segundo a sua capacidade" pode ser adepta apenas na família. A fórmula de Saint-Simon: "A cada um segundo a sua capacidade" é a negação absoluta da igualdade. No falestório de Fourier reconhece-se o princípio da mutualidade, mas repudia-se a justiça para cada indivíduo isolado. Muito mais simples e digno é o princípio sempre seguido pela humanidade; deve somente valorizar-se os resultados da produção que não repugne à dignidade pessoal, e a organização económica reduz-se a uma simples fórmula: "o intercâmbio"

No ambiente deste notável movimento de idéias e de iniciativas de economia colectiva, vemos destacarem-se diversas formas de associação: a associação operária para a sua defesa como produtores (sociedades de resistência e reivindicativas), as friendly societies, que tomaram a forma de socorros mútuos, e as comunidades de trabalho e consumo, as cooperativas.

A influência recíproca destas formas de associação, determinaram as formas posteriores do cooperativismo, um dos ramos do associativismo que mais se desenvolveu.

As sociedades cooperativas de carácter owenista, pelo seu carácter de comunidades, demandavam certas regras de conformação do indivíduo ao regime de convivência, e limitavam o número dos seus membros, pelas condições exigidas (qualidades morais, saúde, idade, entrego total dos seus capitais). Era, digamos, um movimento de qualidade, que interessava apenas os que estavam animados de fortes esperanças comunitárias, mas que se restringia. E todas as possíveis inadaptações ou resacções vinham a reflectir-se no seu êxito.

Os insucessos verificados, vieram a suscitar uma nova experiência, a dos "Pioneiros de Rochdale".

É vulgar supor-se que é a partir dos Pioneiros que nasce o cooperativismo; apenas toma as formas contemporâneas.

Advertidos dos insucessos anteriores, embora com o mesmo espirito owenista, os tecelões de Rochdale criaram a sua cooperativa em moldes mais modestos, mais conforme às preocupações humanas da maioria, falando de imediato ao interesse primário, mas capazes de ascender a outro nível.

A cooperativa de Rochdale, tomou o carácter apenas de consumo, sociedade que tinha por fim a compra em comum dos artigos para os distribuir aos sócios a um preço rentável, e cujo excedente seria devolvido aos sócios. Sociedade simples, que interessava imediatamente à dona de casa, e assegurava um benefício imediato, tanto no que se refere ao governo da casa, como à aplicação das economias.

A forma cooperativa de Rochdale assenta nestes princípios:

- a) vendas a contado.
- b) retorno dos excedentes na proporção do consumo do societário
- c) cada societário um voto.
- d) fundo de economias individuais, e fundo de economias colectivas, o primeiro sem compensação ao capital, o segundo composto de parte dos excedentes, revestido em benefício colectivo.

A base da sociedade rochdaliana não é a comunidade de bens, é o direito de consumo, cujos benefícios são distribuídos na base das suas compras; é uma sociedade de prestação de serviços para cujo capital social (reservas legais) cada um, contribui proporcionalmente ao seu disfruto.

A adopção destes princípios proporcionou um ramo cooperativista, o de consumo, que rapidamente se desenvolveu de per si, e que serviu de base à remodelação de muitas cooperativas anteriores.

Este é o ciclo rochdaliano da cooperação.

Todavia a associação cooperativa do trabalho não deixa de se desenvolver. Assim como a cooperativa de tipo rochdaliano associa os consumidores para os seus fins, respondendo à sua integração na determinação da economia, do mesmo modo a integração do indivíduo como produtor na mesma economia, incita à continuação da associação cooperativa produtora.

Verifica-se portanto que sem se tornarem irreduzíveis as suas formas de cooperação, cindem-se para seguir caminhos paralelos e convergentes. E digo convergentes, porque ao separarem-se, um princípio de atracção se estabeleceu, e podemos perguntar: para onde seguem ambos? Virá a cooperação de consumo a suplantarem-se à de produção, ou vice-versa? Chegará a cooperação de consumo depois de percorrer um semi-círculo, a encontrar-se com igual percurso da cooperação de produção, fechando um círculo onde se definirá uma síntese, uma nova forma de cooperação entre todos os ramos cooperativos?

XXXX

Verificámos que a inspiração das ideias socialistas da primeira metade do século XIX, deu corpo e valor às formas de associação dos indivíduos para a realização de uma economia colectiva e de convivência social. E que essas associações juntando o capital, o trabalho e a inteligência, aspiravam a constituir um tecido social que todavia não se definia nas suas formas superiores.

Nessa época, o cooperativismo de consumo mal se destacava, enquanto o cooperativismo de produção dominava as preocupações dos trabalhadores e intelectuais, porque correspondia ao desejo imediato da eliminação do patrão, da posse dos instrumentos de produção pelos produtores, e do direito ao usufruto do produto integral do trabalho.

Na medida em que as dificuldades práticas da selecção dos societários, de capitalização, de investimentos nas instalações e apetrechamento, e da repressão por parte dos governos, foi anulando as expe-

riências das comunidades de tipo fourierista, se engendrou a experiência rochdaliana que alterou as tendências da cooperação.

Mas não foi apenas isso. Se as ideias da emancipação do trabalho e da evolução da ética ressuscitavam a dignidade do produtor, e conseqüentemente dos seus direitos, a ideia moral do homem como centro da economia, dava personalidade ao consumidor como uma das suas condições, e por isso, o cooperativismo de consumo passou a constituir uma das armas do arsenal das reivindicações sociais.

Se os catótecalões de Rochdale criaram um tipo de sociedade cooperativa de consumo de moldes práticos e eficientes, não esteve nas suas preocupações o conjunto e as formas de relação social, que conduziriam o seu cooperativismo a uma integração ~~do~~ sistema social que substituir-se o orgânica social capitalista. Isso viria, digamos, por ajuntamento.

A sua experiência viria a dar á cooperação, preocupações mais vastas. O socialismo viria a considerar o cooperativismo como uma aparelhagem de gestão da produção e da organização do consumo numa sociedade socialista, enquanto outra corrente, inspirada na experiência rochdaliana, a Escola de Nimes, criava uma doutrina própria da cooperação como um sistema evolucionista, e que De Bogyve definiu assim: "A cooperação quer, tanto quanto possível, fazer desaparecer os males, as injustiças deste mundo, ajudar os que suportam um pesado fardo, tornar livres os oprimidos, quebrar todas as cadeias. Quer a liberdade. Quer combater o vício sob todas as formas, aumentar a inteligência, dar hábitos de economia, chegar á diminuição do pauperismo".

"A cooperação é de socialismo inteligente e prático, e dando ao operário o meio de sair da sua precária situação, resolve em parte a grande questão social; as relações do capital com o trabalho".

A Escola de Nimes ~~prezava~~ prezava a cooperação de consumo, que por ~~si~~ si tornaria a gestão da produção pondo-a ao seu serviço, sob o reino do consumidor. Porém, a experiência posterior, especialmente no domínio da cooperação agrícola, levou-a a corrigir a rigidez do princípio, e a Aliança Cooperativa Internacional, criada em 1895, veio a admitir a associação de todas as formas de cooperação.

Chegamos á altura em que o mundo busca soluções para a sua crise económica, política e social. Da economia individualista procura-se a adaptação para uma economia colectiva. A experiência mundial da cooperação, tão diversa e rica, prova que será a estrutura de uma nova economia, quaisquer que sejam as estruturas político-sociais, que se venham criar, e que estas serão influenciadas pelas suas capacidades e possibilidades.

Como veio a manifestar-se entre nós este formidável movimento social?

Depois do declínio dos nossos municípios e corporações, o país ficou quase totalmente afastado da renovação religiosa, filosófica e social que agitara a Europa, e só a Revolução Francesa nos veio a atingir, primeiro com o seu sopro revolucionário, depois com as invasões napoleónicas.

As lutas liberais no princípio do século passado, abelaram as instituições tradicionais, mas o surto das reformas de Mouzinho, breve se fechou com leves alterações da sua fisionomia.

Lisboa e Porto, e pouco mais, começaram a industrializar-se, e na segunda metade do século passado, surgem nestes centros as primeiras associações operárias para a promoção do bem estar das classes trabalhadoras, que difundem entre nós as novas concepções económicas e sociais.

As associações profissionais, inspiram-se na conquista de ~~melhores~~ ^{melhores} condições de trabalho, mas prolongam-se até à concepção duma sociedade de justiça e equidade económica.

Esta ansiedade procura realizações imediatas que conduzissem à efectivação desses postulados.

As associações mutualistas e sociedades cooperativas vão surgindo com notável progressão. Como formas de associação de auxílio mútuo, do trabalho comum e da socialização do consumo.

Este movimento associativo consciencializava-se com a ideia de que cada indivíduo intervinha de modo directo na estruturação do conjunto social, associando os esforços e os interesses, ^{sub}plantando a estagnação em que se vivera e onde apenas uma minoria acomodada esbanjava os privilégios assentes sobre toda a riqueza monopolizada.

Ao caldo dos conventos, sucedera-se o caldo das repartições, como dissera Oliveira Martins, mas nem esse mesmo podia de modo algum confortar um povo totalmente desprovido de condições de vida, e a reacção associativa era salutar como reforma do nosso ambiente.

O cooperativismo toma entre nós notável incremento, especialmente nas regiões de Lisboa e Porto, com a formação em 1886 do "Centro Promotor dos Melhoramentos das classes laboriosas", que teve notável influência de tal modo que em 1887 o governo do país, publica a primeira legislação sobre cooperativismo que vem a ^{completar-se a} ~~completar-se a~~ no Código Comercial Português de 1888.

Quando se enraizou entre nós o cooperativismo desdobrou-se já nos seus ramos definidos, de produção, de consumo e de crédito.

No final do século passado existem organizadas entre nós diversas cooperativas de consumo, além das cooperativas de produção em diversas indústrias, especialmente do vestuário, e até de transporte e de metalurgia, e ainda cooperativas de crédito.

O nosso actual movimento consta em grande parte dessas realizações de então: A Caixa Económico Operária, Aliança Operária, Ajudense, Xabreguense, Piedense, Almadense, etc..., fundadas há mais de 60 anos, igual facto se registando no Porto.

Nas muitas outras realizações de carácter cooperativista, tiveram a sua realização entre nós, e até fora destes centros industriais do país, como os compromissos marítimos, as mútuas de gado, os celeiros e pastoreios comuns e o crédito agrícola.

Já nos princípios do nosso século contam-se sociedades cooperativas, por diversas terras da provincia, de consumo em grande parte, com notável desenvolvimento e espirito de iniciativa.

Para avaliação da progressão do movimento cooperativo, anotámos alguns dados duma estatística da Direcção das Bolsas Sociais de Trabalho, Estatística e Defesa Económica.

Em 1900 existiam 17 cooperativas com 3.320 sócios e transações no valor de 626.630\$87.

Em 1910, 22 cooperativas com 21.792 sócios e 2.520.837\$24 de transações.

Em 1922, 472 cooperativas com 116.355 sócios e 30.473.124\$44 de transações.

É preciso considerar que esta estatística no que se refer a 1900, não nos esclarece devidamente, talvez por deficiência do serviço estatístico, a série de experiências cooperativistas efectuadas, todavia verifica-se uma acentuada progressão.

A mesma estatística, regista para 1929: 271 cooperativas com 76.214 sócios e 63.926.614\$00 de transações.

Verifica-se que entre 1922 e 1929 há uma queda acentuada do movimento cooperativo na ordem de 35% do número de sociedade e de associados.

A que devemos este facto? Deveremos recuar um pouco para lhe procurar as causas, que nos expliquem também, que essa queda se dá na fase da existência da Federação Nacional das Cooperativas.

A geração de 70 que havia recebido a influência proudhoniana, e se radicava na acção criadora duma democracia gerada do próprio povo pelas suas realizações económico-sociais, succedera-se a geração de 90, já de formação jacobina, que animada pela crise e corrupção das instituições monárquicas, se lançava na esperança da instauração da República, atribuindo a esta mudança de instituições políticas a solução de todos os problemas económicos e sociais.

Esta miragem desvia muitas atenções para a acção puramente política, esquecendo-se que a estrutura do país permanecia inalterável. E a Republica surge, como uma esperança messiânica, numa alvorada romântica, deixando intacta toda a estrutura económica e agrária do país, sonhando com as harmonias dum hino e dum parlamento.

Tudo o que fora um labor intenso de criação, pela associação dos indivíduos em instituições que estruturassem uma democracia económica e social, passara a agitação partidária para o parlamentarismo, ficando-se a esperar tudo do paternalismo dos governos e dos seus programas. E o surto da criação dos instrumentos emancipadores, interrompe-se. Se o bacalhou podia ter mais baixo preço fixado por decreto, para quê a acção cooperativa?

Em breve o desencanto se opera e em 1912 a acção sindical entre os trabalhadores se avanta a todas as outras actividades colectivas. Criam-se dois campos extremos: os partidos ou os sindicatos. Mas a vaga da crença política suplentou, e o ambiente proporcionou-se para um Estado-providência. A crise da consciência colectiva e da confiança no esforço associativo. Está explicada a descida da linha gráfica do nosso renascimento pela associação.

Verifica-se que é em 1922 que o movimento cooperativo e o sindicalismo, atingem o maior grau de desenvolvimento. Aos factores de ordem política referidos, junta-se a crise internacional provocada pela guerra de 1914/18. O desemprego de após guerra, os nacionalismos económicos e depois políticos, lançam a Europa num caos; novas místicas se sucedem, e os indivíduos são atraídos para os movimentos de massas de preocupações apocalípticas, e sempre confiantes que o Palácio da Ventura abrirá as suas portas de ouro com fragor, em vez de serem solicitados para as criações colectivas, para a cooperação entre as diferentes modalidades, para a livre convergência dos homens acima das suas crenças políticas ou religiosas, mesmo sem o seu sacrifício, em coisas de interesse comum, para um clima de integração de trabalho ~~sem sacrifício~~ na variedade de opiniões, que ao manifestarem-se não corram o perigo de cair em dissídios cu se-

jam consideradas traição ou crime.

É a vencer toda a ganga deste substrato de prejuizos morais, desta abulia em que se caiu, que o cooperativismo há-de fazer o seu renascimento, a sua arrancada para a verdadeira Cooperação.

As corporações medievais associavam os homens no conjunto das suas necessidades e actividades, mas no mundo moderno se destacava a supremacia do lucro individual.

No mundo moderno, subjugado pela experiência do lucro individual procura uma economia colectiva. Para isso torna-se necessário integrar o indivíduo na colectividade. Resta harmonia os seus interesses de produtor, de consumidor e de indivíduo social.

As correntes ideológicas q̄ estruturaram o cooperativismo
o Cooperativismo e os problemas do trabalho

As cooperativas de consumo
As diversas

COOPERATIVA DE CONSUMO FRATERNIDADE OPERARIA AJUDENSEPrezados sócios

Dando cumprimento ao estabelecido no nº. 5, do artigo 46º dos Estatutos da Cooperativa, vimos perante os senhores associados apresentar, para ser analisado e votado, o Relatório e Contas da Gerência de 1970.

1 - Breves considerações

Primeiro de que quaisquer outras considerações queremos agradecer aos associados que conosco colaboraram, quer por acção directa, quer por sugestões apresentadas na resolução de alguns problemas da Cooperativa. Se, porém, a tudo que nos foi sugerido não demos a resolução mais adequada, disse nos penitenciamos, porque as dificuldades surgidas foram tantas que, apesar de toda a nossa boa vontade, não conseguimos vencê-las.

2 - Consumo

Iste ano o consumo efectuado ao pago foi de 772 693860, menos 176 973805 do que o do ano passado. A falta de consumo efectuado ao pago pelos sócios é um dos problemas mais graves da Cooperativa. Se não houver um rebate de consciência dos sócios que se encontram na mesma situação de não consumidores a Cooperativa não poderá sobreviver, perdendo uma obra que devia crescer o respeito de todos e que tantas consciências tem dado e associados que tudo têm feito pela Cooperativa sem quererem nada para si. Desta realidade ao consumo se conclue que a prosperidade da Cooperativa cresce ou diminue segundo o grau de fidelidade dos cooperadores.

3 - Inquietação

No Relatório e Contas da Gerência de 1968 se fez esta inquietante pergunta - "o que vamos nós fazer neste ano que vai começar?" Esta pergunta, infelizmente, mantem-se actualizada. O que vamos fazer no ano de 1971? - Existem associados em situações verdadeiramente desconcer-tantes. Dizem-se amigos da Cooperativa, só querem o seu progresso, os directores são uns fulhados, eles é que sabem tudo, etc., etc. e não alinham ao lado dos que trabalham, nem dos que consomem! Estas atitudes tristemente paradoxais só são possíveis existirem no subconsciente de indivíduos que julgam que os preceitos nascidos do bom senso e da razão não têm principio, nem meio, nem fim! O que pensam estes sócios da vida da Cooperativa? - O que pensam?

4 - Furgoneta

Por se verificar que a furgoneta Mercedes estava sobrecarregada com encargos que não podíamos suportar, foi esta substituída por uma Morris, movida a gasolina, cuja compra foi necessário fazer-se para respeitarmos compromissos de entregas de aviaões ao domicilio dos senhores associados e para o consumo não descer ainda mais.

5 - Gastos Gerais

Os gastos gerais, que em 1969 atingiram 122 488850,prg fiscaes, este ano, 92 783860, portanto menos 29 704890.

6 - Débito dos sócios efectivos

O débito destes sócios cifra-se em 16 476830. Officinas a muitos sócios que se encontram nesta situação. A maior parte deles, além de não terem pago o que devem, nem sequer tiveram a delicadeza de responder às nossas solicitações.

13 - Actualização de números de matrícula dos sócios

Devido principalmente a não honrarem a Cooperativa com a qualidade de sócios consumidores, foi resolvido, conforme determinação estatutária, eliminar-se os que se encontram naquelas condições. Assim o movimento social é o seguinte:

Sócios existentes em 31/XII/971.....	273
Eliminados, desistências e falecidos.....	71
	202
Admitidos durante a gerência.....	8
TOTAL.....	210

14 - Conclusão

A concluirmos propomos os seguintes votos:

1º. - De esaltamento

A todos os sócios que nos ajudaram na nossa ingrata missão.

2º. - De profundo sentimento

PELOS SÓCIOS falecidos durante este ano.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1970

A JUNTA DIRECTIVA

Manuel Clemente dos Anjos
César Bispo Pratas
José Melo Baptista
António Augusto
António Simões Pereira
Urique Benido
Manuel Fonseca Novo

C O N V O C A Ç Ã O

Por meio de disposição estatutária, convoco os senhores associados da Cooperativa a reunirem, em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede social, no dia 17 (sábado) de Abril, do corrente ano, em primeira convocação, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1º. - Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1970;

2º. - Tratar de assuntos que se reconheçam de interesse para a Cooperativa.

Na hora acima indicada, não estando presentes número legal de sócios, reunirá a Assembleia trinta minutos depois com qualquer número e se os assuntos a tratar não se esgotarem até à meia noite, prosseguirão os mesmos num dia e iniciar pelos componentes da Mesa da Assembleia Geral

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) - Fernando Augusto Gomes Ferreira

Lisboa, 20 de Março de 1971

DESENVOLVIMENTO DA CONTA LUCROS E PERDAS

<u>D E B I T O</u>		<u>C R I D I T O</u>	
GASTOS GERAIS		FAZENDAS GERAIS	
Despesas.....	92.783860	Lucro apurado...	61.596805
VIATURA C/ EXPLORAÇÃO		RECEITAS DIVERSAS	
Despesas.....	2.813820	Receitas n/ano....	69.341810
ENCARGOS F. e BANCARIOS		FESTAS	
Encargos.....	14.465860	LUCRO.....	11.936300
LUCRO N/EXERCICIO			
Lucro liquido.....	32.810875		
	142.873815		142.873815

RESUMO D. CAIXA DURANTE A GERENCIA DE 1.970

	<u>DEBITO</u>	<u>CREDITO</u>
Saldo de 1969.....	4.306860	
Socios c/consumo.....	872.693860	749.863870
Fazendas Gerais.....	32.856830	4.825860
Socios em C/liquidação.....	9.165890	550800
Capital.....	3.774800	
Fundo de Continuidade.....	76840	
Encargos Sociais.....	3.191860	8.752840
Receitas Diversas.....	69.270820	167800
Gastos Gerais.....	18.242810	103.235850
Viatura.....	45.000800	
Bancos.....	286.754870	246.701880
Festas.....	33.595800	19.210880
Devedores e Cre cred.....	23.000800	51.564800
Viatura C/Exploração.....	1.970800	4.783820
Empréstimo.....		30.000800
Encargos Financeiros e Bancários.....		6.937880
Encargos a Liquidar.....		5.252850
Letras a Pagar.....		64.076800
Saldo para o ano de 1971.....		7.956810
	1.303.876840	1.303.876840

GASTOS GERAIS

Agua.....	1.240830
Contribuições e Impostos.....	5.233890
Diversos.....	533880
Eleticidade.....	7.327870
Expediente.....	2.767890
Fundo de As Istancias Juridicas	1.648800
Limpeza.....	3.523830
Ordens dos.....	55.500890
Reparação.....	3.567880
Selos e Estampilhas.....	354800
Seguros.....	9.054880
Telefone.....	1.892800
Transportes.....	139850
	92.783860

O Técnico de Contas
a) Joaquim Nunes Júnior

Fels Junta Directiva
a) Manuel Clemente dos Anjos

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

A C T I V ODISCORRIVELCAIXA

Embeiro em cofre 7.956,10
 Reservas..... 5.264,819
13.220,919

REALIZAVEL

Partidas Gerais 146.415,90
 Mercaderias
 Socias O/Consumo
 a/débito..... 16.476,830
 Devedores e Oredores 1.500,000
 Saldo devedor.....
 União Coop. Abastecedora 10.900,000
 n/Capital.....
 Socias em O/Liquidação
 Saldo Devedor..... 33.102,820
208.394,800

IMOBILIZAVEL

IMOVEIS
 S/Valor..... 406.000,000
 Viature
 S/Valor..... 135.000,000
 Móveis e Utensílios
 e/Valor..... 156.732,000
LUROS & FIRMAS
 Saldo do ano de 1969.....
79.737,870

P A S S I V OEXIGIVEL

Forneedores
 Saldo de Dividas
 Devedores e Oredores
 Saldo Credor
 Emprestimo
 Saldo Credor

Caixa Geral Depos.,
 BARRA DE SÃO JOÃO
 BARRA DE SÃO JOÃO
 Caução de Consumo

Saldo H/debto
 Socias em O/Liquidação
 Saldo Credor

Letras a pagar
 Saldo n/debto

Letras a pagar
 Saldo n/debto

ESTRUTURA LIQUIDA
 CAPITAL
 CAPITAL

Socios O/Capital
 Fundo de Reserva

Saldo d/conta.....
 Fundo de Continuidade
 Saldo d/Conta

Fundo de Beneficência
 Saldo d/Conta

Fundo de Instrução
 Saldo d/Conta

Impostos a Liquidar
 Saldo d/Conta

LURO & FIRMAS

LURO & FIRMAS

302.409,820

8.360,800

125.000,000

1.653,845

1.395,845

113.637,840

60.664,800

208.938,855

93.275,016

24.791,876

1.300,852

14.508,015

10.139,860

352.953,874

32.810,875

999.083,899

999.083,899

O Técnico de Contas
 e) - Jozquina Nunes Junior

Pela Junta Directiva
 Manoel Clemente dos Anjos

MAPA DA SITUAÇÃO DOS SOCIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

NºS	NOMES	BÔNUS OU CAUÇÃO	DEBITO A DESCOBRTO	CAPITAL SOCIAL
1	Antônio Jamário Forteiro	5890	79810	1.075895
2	Antônio Rebelo			2.000800
3	Hortense Eleutério Gregório	30835		1.541890
4	Antônio Rodrigues		1.719850	2.000800
5	Ardulfina Augusto dos Santos			2.000800
6	Manuel da Cruz		1.536840	1.843875
7	João Francisco M. Colho		412800	2.000800
8	João Carreira	124845		1.402855
9	João Martins	46840		2.000800
10	Manuel Clemente dos Anjos			2.000800
11	Amélia Boto Mendes			1.876895
12	Joaquim Pinto de Almeida			1.687880
13	Daniel Pereira da Silva			2.000800
14	Manuel Cabrita Sequeira			2.000800
15	João Antonio Miranda	170800		1.661830
16	Arsandá de Conceição Rafael			2.000800
17	Antônio Girão Nogueira			2.000800
18	Bernardino da Silva Duarte			2.000800
19	Joaquim de Oliveira Bordaleiro	193880		956840
20	Agostinho dos Santos			781885
21	João Neves Nexo		36800	1.576875
22	José Baptista	424880		1.669820
23	Amaro Valério A. dos Santos			2.000800
24	Gensio Ferreira da Silva	295890		1.938850
25	José Dantas Paris		9800	2.000800
26	Eurico Joaquim Santos			2.000800
27	Raul Vitorino de Carvalho			2.000800
28	Antônio Andrade C. Neves		12800	1.591895
29	Amelino Amaro			2.000800
30	Pedro Nunes Paquete			1.810875
31	Suzana dos Santos			2.000800
32	Virgílio dos Santos		18800	679835
33	Acacio da Encarnação			2.000800
34	Manuel Ferreira das Neves	21880		2.000800
35	Luiz Henriques			815890
36	José Carlos			879830
37	João Rodrigues			2.000800
38	Maria Joaquina G. Encarnação		34800	1.432805
39	Joaquim da Conceição Santos			1.969865
40	José Fernandes			1.158825
41	Afonso Benido			1.254860
42	José Rodrigues Pinto	234870		947820
43	Amador Marques Nobre		1.700800	827820
44	José Anselmo		1.000800	1.663815
45	Francisco de Almeida		593830	1.493830
46	Amadeu Santiago Brandão			1.328810
47	Abílio Bento			2.000800
48	Arnaldo da Silva Carvalho			1.677810
49	Humberto Oliveira Martins			1.025820
50	Frederico Guilherme L. Neves			1.215865
51	Adelino Lucas Serroiva			1.645820
52	José Carlos Soares			1.362800
53	Antônio Augusto			1.057835
54	José Ferreira Pacheco		714820	186860
55	Joaquim Sersiva		451810	2.000800
56	Ventura Alves		558810	1.448860
57	Benito Asvedo de Oliveira			2.000800
58	Joaquim Gonçalves			1.255875
59	Zozimo José Almeida Neves	70880		513845

Nºs	NOMES	BONUS OU CAUÇÃO	DEBITO A DESCOBRIMENTO	CAPITAL SOCIAL
60	José dos Santos			598860
61	Antônio Julio		361890	664865
62	José Augusto da Silva			1.034820
63	Francisco Lourenço			1.400300
64	José Melo Batista			935290
65	Florimundo da Cruz			1.569875
66	Fernando Antônio P. Subidê			2.000300
67	Antônio Ferreira	98875		982885
68	Manuel da Silva Baltazar			2.000200
69	José Maria Antônio Pontes		1.009850	1.000050
70	Augusto Rocha dos Santos		11800	1.416895
71	Bernardino Jena e Silva	100700		888880
72	Antônio da Conceição Pinto			2.000200
73	Carlos Eduardo O. Silva			1.082895
74	Manuel Barbosa Ribeiro	100300		2.000200
75	Fernando Garcez da Silva			1.300200
76	Manuel Rodrigues Dias			1.421820
77	Antônio Martins Nunes			1.811870
78	Isaá Francisco da Silva			2.000300
79	Eduardo Correia de Barros		7850	1.395875
80	Alberto de Castro			1.917815
81	Iliêdo Antônio M. Cardoso			2.000200
82	Alfredo das Neves		100260	671855
83	Hugo dos Santos S. Carvalho			851800
84	José Joaquim Feia			1.228840
85	Lucio Augusto Pereira	61805		1.079815
86	Mário de Oliveira		180800	1.363800
87	José da Silva		43830	413860
88	Antônio Pereira			1.186835
89	Albano dos Anjos			1.688820
90	Julio Faustino Rosa	132850		1.005890
91	Antônio Cebola L. Soares		386800	1.497830
92	Joaquim da Cunha Vaz	74855		1.304845
93	João Francisco Gomes			1.413850
94	João André Senes			2.000200
95	Antônio Bersiva Brito	20800		1.161880
96	Amaro da Silva Pinto	12880		469820
97	Maria de Lourdes P. Dias L. Souto			2.000200
98	José Soares		160800	1.962800
99	João Pinto de Alucido			504815
100	Rui Bordaleiro dos Santos			2.000200
101	João Manuel Alves Amorim			372840
102	Antônio de Jesus			2.000200
103	Artur da Silva			670200
104	Antônio Torres Martins			1.308880
105	Manuel Concilio Pires			754870
106	Francisco José da Costa Pires			1.851810
107	Joaquim Marques dos Santos		18800	1.135880
108	José Luiz Vaz			1.465840
109	Gualberto Coelho		199850	688280
110	Fernando Silvério Lobo			410200
111	Aníbal Rocha		904810	1.035890
112	Bordaleiro Carvalho L. Santos			1.026890
113	Fernando Ribeiro			1.285880
114	Antônio Manoel Pereira			1.196890
115	José Joaquim L. Azevedo			580820
115-A	Fernando Henriques Agostinho			845200
116	Fernando Augusto G. Pereira			778880
117	Antônio Lopes Gouveia			847830



Nºs	NOMES	BÔNUS OU CAUÇÃO	DÉBITO A DESCOBIERTO	CAPITAL SOCIAL
179	Giosepe dos Santos Marrafa			140800
180	Urique Benido			64250
181	Antônio Martins Severino			95890
182	Manuel da Silva			50000
183	Celestino José Pinto Espçada			136270
184	Manuel Corrêa		6300	72890
185	José de Jesus Carvalho			65060
186	Sergio Freire da Silva			55260
187	João Francisco Gomes			63820
188	José Augusto Pedrosa de Lima			56830
189	José Alexandrino Aurélio		672850	51330
190	Luiz Figueiredo de Oliveira		509820	50800
191	Marcelino Bernardo Alegria			50800
192	José Francisco Fereirinha		27830	50300
193	José dos Santos			50800
194	Amadeu Rodrigues			50800
195	Marcelino Ferreira		41820	50800
196	Dr. José Vilela		564810	2.000800
197	Julio Joaquim da Graça		233820	50800
198	Jaime Ramos			50800
199	Paulo Pereira Marques			1.670350
200	Maria Joana Roudão Begulho			50800
201	Joaquim Braz			50800
202	Arnaldo Rus Pereira		12300	100800
203	Manuel Fonseca Novo			50800
204	Candido Branco Massano			50800
205	José Correia			300800
206	Jorge Carvalho de Matos			150800
207	José António Gomes Pereira			100800
208	Joaquim Carlos Silvestre			50800
209	Artur da Conceição Soares			50800
210	José Coelho Alexandre			2.000800
		3.048090	16.225060	206.938355

O Técnico de Contas
a) Joaquim Nunes Júnior

Junta Directiva
Manuel Clemente dos Anjos
César Bispo Fratas
José Melo Baptista
Antônio Augusto
Antônio Siqueira Pereira
Urique Benido
Manuel Fonseca Novo

Nºs	NOMES	BONUS OU CAUÇÃO	DÉBITO A DESCOBRIR	CAPITAL SOCIAL
119	Irene de Sousa Gilman			1.982890
120	Luiz Duarte Sincões			1.837820
121	Fernando da Conceição Soares			575830
122	Maria Madalena Otão Rafael			440870
123	Julietta Santos Silva		806800	981860
124	Hélio da Silva Vas			1.116850
125	Manuel da Costa			432800
126	Rodolfo de Oliveira Freitas			737290
127	Antônio Augustá dos Santos			432820
128	José Mártires dos Santos			2.000000
129	Joaquim Sampaio	665895		2.000800
130	Julio Valada Lorcto			1.354840
131	José Pedro			1.232870
132	Fernando Rodrigues			315880
133	Victor Manuel Coelho Nunes			812870
134	João Pinheiro			666830
135	Francisco Pedro Marques			433810
136	Joaquim Ferreira			556850
137	Maria Filantel Azevedo		381870	420880
138	José Bento			494850
139	Elmiro Gomes dos Santos			397820
140	Eduardo Viegas de Miranda			703800
141	Antônio Silva Santos			454880
142	Julio Narciso			11256830
143	Maria Fortunato S.R.Matos		18800	2.000800
144	Carlos da Silva Saqueira			697820
145	Arundá Espíola de Matos			453820
146	Albano Correia Jorge			427820
147	Antônio Mendes da Silva			261810
148	Antônio Manuel Vieira Caranelo			172850
149	Maria Sincões		1.000800	1.127810
150	Leontino Rodrigues Pires		1.017870	242800
151	Afonso Garcia da Silva			363890
152	João José Dias Ferreira			136840
153	Fernando Jesus Brito			293850
154	Agostinho Rodrigues Lima			161830
155	Anibal Martinho		26800	397860
156	Armando Nunes Prade		20800	85870
157	Alvaro Torres B.S.de Andréa			169890
158	Antônio Fernandes A.Rodrigues			397890
159	José Pedro de Carvalho			100840
160	Manuel António Lopes Trigo			2.000800
161	José Pinto Junior			151880
162	Graciana da Conceição M.Lopes			156820
163	João Lopes Marques			143810
164	Fernando Barro			103870
165	Alberto Daniel Martins			89890
166	Cesar Bispo Freitas			191870
167	José Feliciano Azeval			126100
168	José da Conceição da Silva			149890
169	Manuel Alfredo Cesar			111820
170	Modesto Luis Rolha			102820
171	Antônio da Silva			87860
172	Seráfina Amaro			102820
173	Carlos Jaime dos Santos		204860	119800
174	Albano Bernardo			359870
175	Julio Ferreira de Carvalho		123800	257870
176	João Simão de Oliveira			101870
177	Francisco Carvalho Pedro			90810
178	Manuel António Franco			89850